

PROCURAM-SE JORNALISTAS POLICIAIS

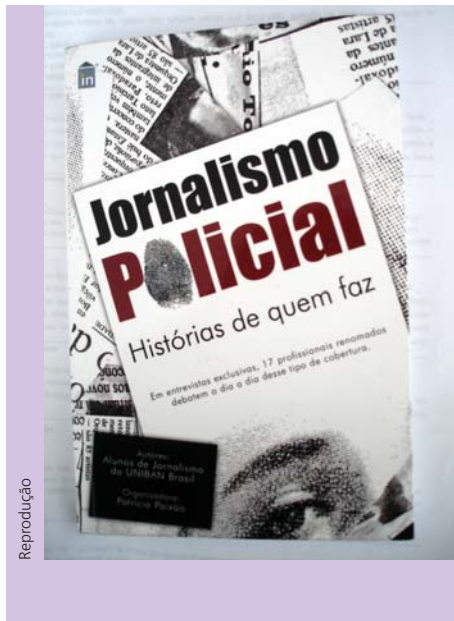
Por Raquel Almada

Jornalismo Policial – Histórias de quem faz é um livro que aborda além do jornalismo policial – como já diz o título – as diretrizes para quem quer seguir a carreira pouco escolhida pelos recém-formados jornalistas. Mais do que contar casos policiais, como fazem os escassos escritores deste gênero, relata momentos marcantes vividos por ícones do jornalismo policial, além de servir como um manual em formato pingue pongue, para quem ainda é corajoso suficiente para exercer essa profissão.

Foi-se a época em que a área policial era uma das mais destacadas dentro dos jornais, com excelentes reportagens sobre assuntos delicados como homicídios, seqüestros, estupros, entre outras atrocidades que o ser humano é capaz de fazer. Hoje em dia, os jornalistas especializados são os mais antigos, que trazem em sua trajetória uma bagagem repleta de coragem, paciência e algumas ameaças.

Essa profissão – predominantemente masculina – de acordo com grande parte dos entrevistados no livro, tende a desaparecer por falta de profissionais especializados e de espaço na grande imprensa. São raros os jornais que ainda tem uma editoria dedicada ao jornalismo policial, pois os jornalistas atuais escrevem sobre tudo, não se dedicando a uma área específica.

O livro, produzido por alunos do 4º Ano da UNIBAN Brasil foi organizado pela jornalista Patrícia Paixão, que leciona a disci-



JORNALISMO POLICIAL – HISTÓRIAS DE QUEM FAZ
 Autores: Alunos de jornalismo da UNIBAN do Brasil
 Organizadora: Patrícia Paixão
 Ed. In House, 139 páginas

plina Entrevista e Pesquisa Jornalística. No total, foram 17 entrevistados, todos jornalistas de diversos meios, como o rádio, TV e jornal impresso.

Fátima Souza, única mulher representando a categoria, se une a nomes como Gil Gomes, Percival de Souza e Marcelo Rezende. Tratam questões como o sensacionalismo, a imparcialidade que o jornalista deve ter e quais são os maiores desafios para o jornalismo policial brasileiro atualmente.

Para uns, como Robinson Cerântula, é possível ser imparcial, já para outros, como Gil Gomes, não. “É possível ser imparcial. Você tem de ser imparcial. Eu não enxergo parcialidade ao acompanhar um trabalho com a polícia”, afirma Robinson no livro. Já para Gil Gomes: “(...) Não há jornalismo, na minha opinião, sem sentimento. (...) o profissional, quando for para a rua, vai aprender a usar o sentimento”.

O diferencial do livro está na revelação dos bastidores dos principais casos, como o da menina Isabela Nardoni, assassinada pelo pai e a madrasta em 2008, ano em que as entrevistas para o livro foram concedidas, e o caso da Favela Naval, onde diferentes profissionais contam a sua versão de como ficaram sabendo do acontecimento e como cobriram o fato.

Expõe a seriedade com que o jornalismo policial é feito por aqueles que o escolheram como carreira. Vale a pena ser lido tanto por quem quer seguir os passos de jornalistas policiais dedicados, como por aqueles que querem conhecer melhor estes profissionais que apesar do descaço, ainda persistem firmemente em seu objetivo de não deixar o jornalismo policial desaparecer.

Blog: www.culturaemumclick.wordpress.com

LIDERANÇA

A palavra “líder” é tão instigante quanto outras que remetem ao “poder”. A melhor definição para “líder” talvez seja a de que é algo ou alguém que alcançou a liderança em uma área de atuação, o “guia”, o “condutor”. O líder, como pessoa, não é autoridade que manda e cobra obediência. É alguém articulado, desgarrado, desprendido. Ele nem sempre tem total conhecimento do que fala, mas discursa com tanta convicção que se faz acreditado pelos seguidores.

A multidão se humaniza quando tem um líder, ela ganha forma, sentimento, coração de homem, e o medo que uniu todos morre na alma de cada um. Fazer parte de um grupo pressupõe estabilidade e em alguns casos comodidade. O líder tem coragem por todos, ama por todos, sofre por todos e traz a verdade tão sonhada. Mas, como já disse Nelson Rodrigues, “há dessemelhança entre o líder e os que o seguem: – nós somos a multidão e ele, nunca. Como no texto ibseniano, ele é o que está ‘mais só’. Todos os seus gestos, e palavras, e paixões, e sonhos, amadurecem na solidão.”

Indagando por que um líder gostaria de estar na condição solitária, responsável por guiar uma massa, pensei em respostas como um ego superior, ou um ideal fixado, mas por que não uma habilidade natural? O carisma, por exemplo, é natural.

A relação de mutualismo intriga talvez mais do que a palavra “líder”. Quando se trata de uma liderança política, muitos



Por Carolina Sanchez Giarola

acreditam que a massa seja frágil, insegura, sem conhecimento, e necessite de alguém que afirme que estão no caminho certo e daí derivam os líderes que tiram vantagens da situação. Mas há pessoas também que escolhem um líder por acreditarem em sua capacidade de fazer realidade a ideologia do grupo que pensa como ele e que não necessariamente perdeu sua individualidade e seguiu como ovelhas o rebanho.

Um bom exemplo de liderança, menos polêmica que a política, é a de um maestro de orquestra. A maestrina Marin Alsop regeu a Osesp nos dias 16, 17 e 18 de setembro, e em muitos lugares falava-se de sua importância e reconhecimento mundial, o que me fez pensar, em condições de leiga em música clássica, por que seria uma maestrina tão importante se quem faz a música é a orquestra?

Quando vi sua última apresentação na Sala São Paulo, acho que captei a resposta. O maestro dá o tempo da música, o pulso (velocidade); os gestos determinam a “textura” da música: se as notas serão mais suaves ou mais duras; e a “amplitude” da regência determina o volume (forte ou piano), quando a música “cresce” e quando “diminui”, resumindo, a interpretação dinâmica. Além disso, ele dá as “entradas” para os músicos (nem todas as músicas começam e terminam com todos os instrumentos tocando ao mesmo tempo) e “fecha” a música de modo que todos os músicos parem de tocar juntos. A orquestra e a maestrina se complementavam. Em prol de fazer boa apresentação, os dois entraram motivados, em sintonia e enquanto Marin Alsop regia parecendo “tomada pela música”, a orquestra a olhava e obedecia a regência com a mesma vibração.

Resultado: mais de 3 minutos de aplauso.